

FORMAÇÃO CONTINUADA E A CONSTRUÇÃO DE CONCEITOS SOBRE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO¹

CONTINUING TRAINING AND CONSTRUCTION OF CONCEPTS ABOUT LITERACY AND LITERACY

Charles Portos Rodrigues²

Benedito José Pereira³

Resumo: Alfabetização e letramento são conceitos constantes no cotidiano do professor que insere na vida do aluno o primeiro contato com a leitura e a escrita. Estes conceitos se distinguem no contexto da apropriação da linguagem e escrita, porém um complementa o outro. Mediante a confusa compreensão do efeito destes dois conceitos, a formação continuada surge como uma ponte de esclarecimento e capacitação de trabalho do profissional da educação com recursos que propiciem tanto o desempenho do aluno na escrita quanto na leitura e compreensão da mesma. Com o objetivo de demonstrar as principais dificuldades do professor alfabetizador no processo pedagógico de alfabetização, quando inserida ao letramento e a importância da formação continuada para esclarecimento e capacitação do mesmo, o presente trabalho se propõe a expor e discutir as propostas de alguns pro-

1 Trabalho elaborado na Disciplina de Filosofia e História da Educação, ministrada em janeiro de 2024, sob a orientação do professor Dr. Benedito José Pereira no curso de Pós-graduação: Doctorado em Ciências de La Educación. Programa UNADES/CIA.

2 Mestre em Educação pela Universidad Tecnológica Intercontinental (UTIC), Professor, pedagogo. Discente do Curso de Doctorado em Ciências da Educação Programa UNADES/CIA. Atua na Educação Básica, Ensino Fundamental I na Escola Anfilóbio de Souza Campos. Itiquira-MT

3 Orientador. Possui graduação em Letras pela Universidade Católica de Pernambuco (1984), especialização em Ensino de Arte pela Universidade Católica de Pernambuco (2006), pós-graduação em Economia da Cultura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2009), mestre em Ciência da Educação e Inovação Pedagógica pela Universidade da Madeira (2018), na Ilha da Madeira/Funchal - Portugal e doutor em Ciências da Educação pela Universidad del Sol (2022), em Asunción - Paraguay. É professor concursado para o ensino médio, promovido pela Secretaria de Educação de Pernambuco

gramas de formação, sob a luz das teorias de (SOARES, 2003), (FREIRE, 1989), (FALSARELLA, 2004), entre outros, objetivando melhorar a capacitação do professor alfabetizador e a sua interação com novas metodologias de alfabetização com letramento.

Palavras-chaves: Alfabetização; Letramento; Formação Continuada; Linguagem; Escrita

Abstract: Literacy and literacy are constant concepts in the daily life of the teacher who introduces the first contact with reading and writing into the student's life. These concepts differ in the context of the appropriation of language and writing, but one complements the other. Due to the confusing understanding of the effect of these two concepts, continuing education appears as a bridge of clarification and job training for the education professional with resources that promote both the student's performance in writing, reading and understanding. With the aim of demonstrating the main difficulties of the literacy teacher in the pedagogical process of literacy, when inserted into literacy and the importance of continued training for clarification and qualification of the same, the present work proposes to expose and discuss the proposals of some training programs, in the light of the theories of (SOARES, 2003), (FREIRE, 1989), (FALSARELLA, 2004), among others, aiming to improve the training of literacy teachers and their interaction with new literacy methodologies.

Keywords: Literacy; Literacy; Continuing Training; Language; Writing

INTRODUÇÃO

O letramento por vezes confundido por alguns educadores como um novo método de alfabetizar, considerado por outros como a própria alfabetização com nova nomenclatura, tem sido tema em todo e qualquer ambiente que discuta educação desde professores em sala de aulas à especialistas na área. Cada um justificando nesse tema a necessidade de um novo olhar sobre o que realmente é a

alfabetização e o seu significado na construção do conhecimento dentro das salas de aula. Uma das primeiras ocorrências da palavra letramento pode ser encontrada no livro de Mary Kato (1986), onde a autora apresenta o letramento como algo mais que estar alfabetizado, que no mundo da escrita, mesmo não sabendo ler e escrever, o indivíduo constrói formas de identificação e apropriação desse mundo alfabetizado, e por isso a escola deve partir de experiências de leituras de vida que a criança traz para esse ambiente pois “é função da escola desenvolver no aluno o domínio da linguagem falada institucionalmente aceita” (Kato,1986). À partir daí urge a necessidade de se discutir o letramento com os alfabetizadores e sua responsabilidade no processo de retenção, antes atribuído somente ao aluno a responsabilidade do fracasso escolar, Agora também aponta-se ao professor a sua participação nesse intempérie. O que se tornou em uma espada de dois gumes, se antes reprovar indicava falha de aprendizagem no aluno, agora é considerada erro de metodologia e quando mais grave falha do professor em sua missão. Compreender o que leva os educadores a falharem no processo de alfabetização, ainda é um desafio a ser superado. Com novas estratégias de alfabetização, que insere o letramento como complementação e prioridade no processo de aquisição da leitura e apropriação da escrita, muitos professores têm se deparado com uma nova realidade: abrir mão da cartilha de alfabetização e inserir no cotidiano escolar a vivência da prática de uso da leitura (mesmo o aluno não sabendo ler) e da escrita, e ajuda-lo a reinventar a escrita alfabética ao mesmo tempo que valorizar o papel da cultura escrita presentes no seu dia-a-dia. Não obstante, com políticas públicas voltadas para resultados, metas, índices e uma sociedade que responsabiliza o professor pelo íntegro desempenho intelectual do aluno cabem a este profissional buscar por todos os meios alcançar os objetivos que o ajudem a evitar o fracasso escolar dos seus alunos, mesmo sabendo que outros fatores o impedem de alcançar estes objetivos, tais como a ausência de pais na vida escolar dos filhos, indisciplina e pressão de resultados por parte do Estado.

O presente trabalho tem por finalidade discutir o processo de alfabetização contextualizado no letramento, os desafios do alfabetizador com as novas técnicas de alfabetização e a importância da formação continuada no esclarecimento de conceitos e proposição de estratégias de ensino que

viabilizem estes procedimentos. Também se aborda sobre as políticas públicas e sua pedagogia de gerenciamento focado apenas em estatísticas.

ALFABETIZAR LETRANDO

Etimologicamente, o termo “alfabetização” significa: levar à aquisição do alfabeto, ou seja, ensinar a ler e a escrever. Assim, a especificidade da alfabetização é a aquisição do código alfabético e ortográfico, através do desenvolvimento das habilidades de leitura e de escrita (SOARES, 2004, p.23). Porém, o professor alfabetizador tem enfrentado o grande desafio de conciliar essa habilidade de codificação com a compreensão do que ser ler, ou seja, alfabetizar letrando. Mediante este compromisso, a ele proposto em razão de políticas públicas que estabelecem metas de aprendizagem, muitos professores acabam confundindo o significado destes dois conceitos, ampliando o conceito de alfabetização, sobrepondo o de letramento, como se letramento tivesse o mesmo sentido de alfabetização e, assim, não desempenhando um bom trabalho. Dentre outras metas de aprendizagem essa foi uma das principais razões que levaram o governo Federal a implantar programas e ações que capacitassem o profissional da educação elevando sua qualificação no exercício da sua profissão, através da formação continuada.

Dessa forma a alfabetização deve se desenvolver em um contexto de letramento como início da aprendizagem da escrita, o que envolve o uso constante de gêneros textuais como desenvolvimento de habilidades de uso da leitura e da escrita nas práticas sociais. Alfabetizar letrando é, portanto, ensinar a ler e escrever o mundo, ou seja, no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, tendo em vista que a linguagem é um fenômeno social. O processo de ensino-aprendizagem de leitura e escrita na escola não pode ser configurado como um mundo à parte e não ter a finalidade de preparar o sujeito para a realidade na qual se insere.

O professor deve estar ciente de que letramento não é um método. A discussão do letramento surge sempre envolvida no conceito de alfabetização, o que tem levado a uma inadequada e imprópria

síntese dos dois conceitos, com prevalência do conceito de letramento sobre o de alfabetização. Não podemos separar os dois processos, pois a princípio, o estudo do aluno no universo da escrita se dá ao mesmo tempo por meio desses dois processos: a alfabetização, e pelo desenvolvimento de habilidades da leitura e da escrita, o letramento. O letramento inicia-se muito antes da alfabetização, ou seja, quando uma pessoa começa a interagir socialmente com as práticas de letramento no seu mundo social. Como afirma Freire (1989: 11-12), (...) A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. Nesse sentido, se a leitura de mundo precede a leitura da palavra, um indivíduo pode ser letrado, mas não alfabetizado.

ACERVO LITERÁRIO E JOGOS PEDAGÓGICOS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Vários são os escritores que defendem a ideia de que há possibilidade para alfabetizar fazendo uso de literaturas infantis. Para alguns educadores isto parece surreal: como utilizar um livro de leitura, com um aluno que não sabe ler?

Quando a alfabetização é utilizada na perspectiva de letramento, isso é possível, pois a leitura tem um significado mais abrangente nessa técnica, porque ali o que se busca é incentivar o desejo pela leitura na mais tenra idade, despertando no aluno o prazer de ler, principalmente quando a criança não tem acesso à literatura em casa. Também incentiva a apropriação da escrita de forma significativa, onde a criança descobre “que a palavra escrita é mais uma forma de expressar as coisas, ideias e sentimentos”(KRAMER, 1986, P.55).

Para alfabetizar letrando, fazendo uso de literaturas infantis será necessário um professor que goste de ler, conheça vários autores e livros, que goste de discutir as situações apresentadas no texto conduzindo às crianças a reflexão, pois só dessa forma será modificada a situação da leitura

escolar na atualidade. Infelizmente muitos alfabetizadores estão bitolados na alfabetização decodificadora e codificadora, emaranhando a criança no universo de grafemas e fonemas, esquecendo-se ou raramente fazendo uso de literatura, retirando da criança a concepção da leitura como uma fonte de prazer, de informação e de fantasia. Carvalho (1989) afirma que "tirar da criança o encanto da fantasia pela arte, particularmente a arte do desenho, da forma das cores e da literatura (que representa todas), é sufocar e suprimir todas as riquezas do seu mundo interior".

O educador não deve confundir a técnica de "aprender a ler" com o prazer da leitura. A técnica é praticada na alfabetização, a leitura é apreciada no letramento. Por isso os dois métodos devem ser trabalhados sumarizados, sem distinção e ao mesmo tempo sistematizados. Toda criança no processo de alfabetização ao ter contato com a literatura infantil além de desenvolver a imaginação, poderá perceber-se como sujeito atuante ao colocar-se como personagens das histórias ouvidas ao dramatizar, desenhar ou ilustrar desempenhando a construção do pensamento, da linguagem e escrita. De acordo com Bettelheim (1980, p. 189):

Ouvir os contos de fada e incorporar as imagens que ele apresenta pode ser comparado e espalhar sementes onde só algumas ficarão implantadas na mente da criança. Algumas ficarão trabalhando em sua mente de imediato dependendo do nível de interesse, que os contos causam na criança, e o resultado da absolvição do conteúdo e o processo de compreensão do mesmo.

No que se diz respeito aos jogos pedagógicos, quando direcionados pelo educador pode ser um excelente recurso para a complementação do conhecimento construído em sala, pois nesse contexto o educando participa de uma atividade social e humana, onde comanda uma nova realidade e aprende a obedecer e também estabelecer regras. Segundo Vygotsky citado por Oliveira (1994, p. 14)

(...) no processo de desenvolvimento, a criança começa usando as mesmas formas de comportamento que outras pessoas inicialmente usaram em relação a ela. Isto ocorre porque, desde os primeiros dias de vida, as atividades da criança adquirem um significado próprio num sistema de comportamento social, refratadas através de seu ambiente humano, que a auxilia a atender seus objetivos.

Quando atividades lúdicas são desenvolvidas no processo de ensino, conduz o aluno a novos caminhos e outras possibilidades de pensar em relação ao objeto de ensino. Assim como a leitura, aprender com jogos torna-se mágico, pois através de brincadeiras o educador poderá explorar a criatividade, valorização do desenvolvimento cultural, a assimilação de novos conhecimentos, e incorporar novos valores.

O DESAFIO DE ALFABETIZAR MEDIANTE AS POLÍTICAS PÚBLICAS EDUCACIONAIS

Apesar de nos encontrarmos na “era da revolução digital”, diante de mudanças culturais e reavaliações de conceitos morais, o professor ainda encontra-se estagnado no processo rígido e tradicional de alfabetização do século IX, onde o único detentor do conhecimento era quem ensinava. O aluno era “categorizado”, pelo maior número de informações que acumulava e que eram testadas através de provas com resultados somativos. Acrescentado a essa realidade, o fato de que se considera que um aluno é brilhante em língua portuguesa se ele conhece as regras gramaticais e sabe conjugar verbos em todos os tempos e modos. No entanto, segundo Luiz Prazeres (2011), mestre em linguística pela UFMG, “o ensino hoje está voltado para a língua como instrumento de comunicação, direcionado para o entender e se fazer entender em situação real de fala, leitura e escrita” ,ou seja a escola tem como dever preparar o aluno para utilizar a língua portuguesa nas diversas situações de comunicação. Dessa forma a preocupação em formar leitores e escritores fluentes faz com que o ensino dos aspectos formais acabe ficando em segundo plano no processo inicial de alfabetização, algo difícil de compreender para os educadores de hoje, acostumados com o peso da caneta vermelha do professor desde os primeiros passos na escola.

No entanto, o professor não deve ser visto como o vilão no processo educacional dos dias atuais, pois como antes dito, essa foi a sua formação e mesmo diante de grandes dificuldades o professor tem buscado adequar-se aos novos métodos e linhas de pensamentos que vem surgindo ou que

têm se alicerçado. Diante essas mudanças o professor encontra-se comprometido a metas e planos de ações produzidos para ele e não por ele, onde deverá alfabetizar sem cartilha – ou pelo menos não deve ser seu acervo nos métodos de ensino-, adaptar-se aos modelos e métodos atuais do Livro didático de alfabetização, que não focam as sílabas canônicas e não canônicas como faziam as cartilhas, pelo contrário, depara-se com textos que devem ser fragmentados, desconstruídos e reconstruídos pelos alunos que ainda não leem. Essa tarefa torna-se árdua, não pela inovação nas concepções e metodologias de alfabetização, mas sim pelo comprometimento em que este professor alfabetizador encontra-se emaranhado, em razão das estatísticas impostas pelas políticas públicas, onde gestores acreditam que a formação continuada é o principal alicerce para que o professor cumpra com sucesso as metas pré- estabelecidas, esquecendo que a aprendizagem requer desde recursos didáticos, ao conhecimento e controle de fenômenos sociais, que na maioria das vezes ou quase sempre não está ao alcance do professor. Concomitante a essa afirmativa SPERRHAKE & TRAVESSINE (2012, p. 148), dissertam que o processo de aprendizagem e alfabetização não cabe apenas ao professor, mas “infere-se que a ação é exercida por alguém e que o saber depende mais do sujeito, da sua capacidade de julgar, do que do objeto externo, foco de sua ação”. Portanto, o saber estatístico como tecnologia de governo (SPERRHAKE & TRAVESSINE, 2010, p. 28.), que produz números, índices e taxas tem surgido como “amarra” que impede o professor de utilizar seus próprios métodos e estratégias de ensino ora intuitiva ora teórica, e quando assim o fazem, levam a culpa de não seguir os paradigmas a ele instituídos pelo poder público e por causa disso o fracasso escolar.

FORMAÇÃO CONTINUADA

Com a nova configuração econômica, influenciada pela globalização na década de 90, a América Latina foi palco de mudanças políticas e econômicas, mudanças essas que repercutiram nas políticas sociais propostas por estes países (FALSARELLA, 2004). Essas mudanças propunham maior racionalidade e economia de custos, já que a repetência diminuía a oferta de vagas para os in-

gressantes além de contribuir para o grande índice de evasão no ensino fundamental. Falsarella (2004, p. 2-4) descreve este momento da seguinte forma:

(...) Nitidamente um sistema perverso é o que se apresentava: um enorme contingente de crianças repetia a série a cada ano, engrossando a corrente dos multirrepetentes, o que acarretava, além do drama individual das crianças e de suas famílias, a obstrução de fluxos do sistema, com a conseqüente diminuição da oferta de vagas para os alunos ingressantes.

Dessa forma, sentindo-se pressionado pelo compromisso neste contexto, a difusão econômica, política e pedagógica, foi que o Brasil investiu nos programas de Aceleração da Aprendizagem, destinados a corrigir a defasagem série/idade dos alunos até a 4ª série, e partir daí dá-se início a primeira ideia de formação continuada, já que os educadores necessitariam de um curso de capacitação para o desempenho deste programa. O processo de Aceleração da Aprendizagem surgiu no intuito de estancar, ou seja, restringir o método cruel e desenfreado de repetência nas séries iniciais e ao mesmo tempo cultivar melhor qualidade de ensino, para isso atualizando e introduzindo professores advindos do método tradicional em um sistema inovador de construção do conhecimento com base no que o aluno tem como “bagagem” para sua aprendizagem.

Passando-se duas décadas a partir daí, ainda deparamos com professores insatisfeitos com o sistema, perturbados com a possibilidade de ingressar o aluno na série seguinte sem nada saber, sendo responsabilizado pelo fracasso escolar por não ter se esforçado para corrigir isso. Enquanto isso, apenas contesta que esse “erro” só está acontecendo por culpa do próprio Sistema que “facilitou”, porém, não se preocupa em descobrir as principais causas e reivindicar uma reestruturação educacional através de sua descoberta já que está estigmatizado como peça fundamental para que esse projeto funcione. Quanto a isso Falsarella (2004, p. 22) afirma:

Mesmo tendo consciência de que este peso na figura do professor deve ser relativizado pelo contexto no qual ele exerce o seu papel (...) e pela política de formação e de valorização do magistério, é incontestável que a atuação de um professor bem preparado tem uma influência direta em uma melhor aprendizagem por parte de seus alunos.

O principal intuito da formação continuada é formar no educador uma atitude investigativa quanto a sua atuação em sala de aula. É a correspondência entre duas consciências em um só sujeito (BAKHTIN, 2003, p. 33), isto é, a aproximação do educador que baseia-se no conhecimento prático ao educador baseado no conhecimento teórico e vice-versa. Dessa forma, participar deste tipo de formação faz com que os professores, troquem saberes, experiências negativas e positivas, revivam a teoria consolidando-as na prática.

Portanto, o professor deve estar consciente da sua responsabilidade para o bom procedimento desse programa, pois deve-se considerar que “qualquer proposta de inovação de práticas em sala de aula passa necessariamente pelo crivo e aceitação do professor” (Falsarella, 2004, p. 42), por tanto a efetivação nas mudanças de práticas cotidianas, cabem realmente ao professor. E a este compromisso ele deve dedicar-se para que se realize profissionalmente alcançando o seu principal objetivo em sala de aula que é ensinar a ler e escrever. No entanto, deve destacar que o sucesso para essas inovações, por melhor que se aplique a formação continuada depende em uma grande parte às condições locais, sociais e a proporcionalidade do sistema a que escola está inserida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A alfabetização é o principal elemento de sustentação para o prosseguimento na vida escolar. Um aluno analfabeto, enfrentará dificuldades crônicas no seu desempenho acadêmico, crescente como uma “bola de neve”, pois se não sabe ler, não realizará as tarefas a ele submetidas e assim não fazendo poderá ser interpretado como desmotivado ou desinteressado com a aprendizagem. Apropriar-se da leitura após o terceiro ano inicial de escolaridade, não é impossível, porém mais difícil tanto para o professor quanto para o aluno. Cabe ao alfabetizador refletir sobre a importância do letramento e incluí-lo no processo de alfabetização, abrindo novos horizontes para a leitura não somente da cartilha ora extinta, mas de diversos meios de comunicação envoltas no cotidiano do aluno.

Devemos considerar também que para o professor formado no período da alfabetização com métodos tradicionais, como decoração e cópia de pequenos textos ou palavras, construir situações de leitura mesmo quando o aluno não sabe ler, torna-se um grande desafio. Por isso a participação na formação continuada poderá ajudá-lo a reorganizar o seu conhecimento e suas concepções com o que se pede no momento, no que se refere a alfabetização. Porém não devemos esquecer que o sucesso para essas inovações, por melhor que se aplique a formação continuada depende em uma grande parte às condições locais, sociais e a proporcionalidade do sistema onde a escola está inserida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. Estética da Criação Verbal. 4. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BETTELHEIM, B. A. Psicanálise dos contos de fadas. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

BATISTA, Patrícia Barros Soares. Educação inclusiva: memórias e percursos / Patrícia Barros Soares Batista, Luciana Prazeres Silva, Maria Carolina da Silva Caldeira (Org.). - Belo Horizonte: Centro Pedagógico, UFMG, 2021.

FALSARELLA, Ana Maria. Formação continuada e prática na sala de aula: os efeitos da formação continuada na atuação do professor. Campinas, SP: Autores associados, 2004 –(Coleção Formação de Professores).

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados, 1989.

KATO, Mary. No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística. São Paulo: Ática, 1986. (Série Fundamentos)

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. L. S. Vygotsky: algumas idéias sobre desenvolvimento e jogo infantil. São Paulo: FDE, 1994, p. 43-46.

SILVEIRA, Rosilene de Fátima Koscianski da. A contribuição da literatura no processo de alfabetiza-

ção e letramento: uma reflexão mediada pelo olhar da criança. Criciúma: Ed. do Autor, 2008.

SPERRHAKE, Renata. TRAVERSINI, Clarice. Os critérios do Censo produzindo estatísticas de alfabetização: gerenciar o risco e inventar pessoas. Estatística e Sociedade, Porto Alegre, p.142-156, n.2 nov. 2012.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. Rev. Bras. Educ. nº 25 Rio de Janeiro jan./abr. 2004.

